

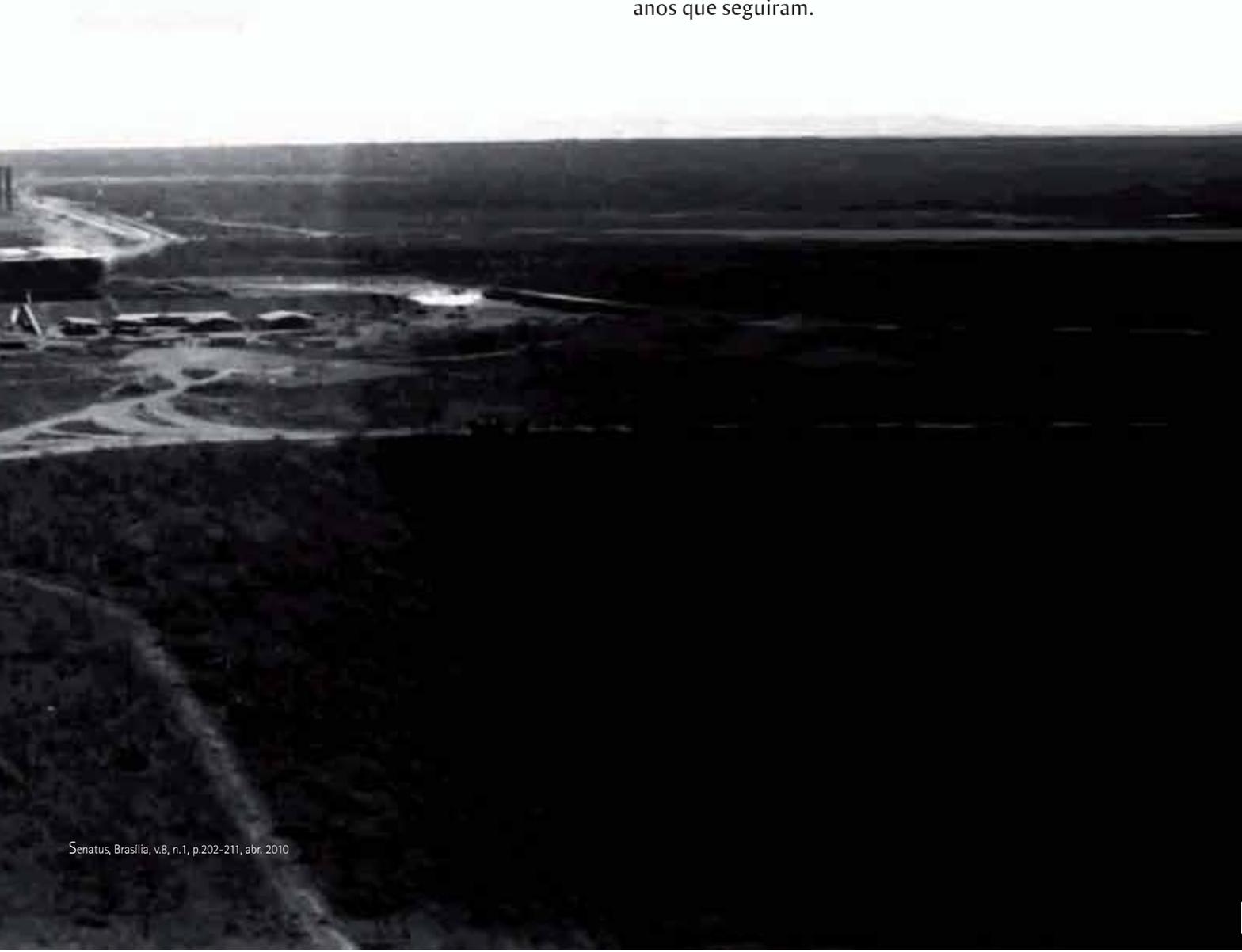
# Construindo Brasília



*“Já o pioneiro é influenciado pela atração da terra. Descobre e fica. É um símbolo que se projeta através de um ânimo de permanência. A jornada pode ser longa, mas a parada – quando ocorre – é quase sempre mais longa ainda. Planta e espera pela colheita. Não deixa sinal de sua passagem, porque ele próprio se detém. E do seu rastro, que por algum tempo foi efêmero, brotam valores duradouros: povoados que se transformam em vilas; vilas que se convertem em cidades; e cidades, que armam a estrutura de uma civilização”.*

*Juscelino Kubitschek*

A história de Brasília é comumente narrada em torno de alguns personagens de inquestionável mérito e prestígio, personagens esses que tiveram influência definitiva nos fatos que geraram e tornaram realidade o “sonho da capital”: Juscelino Kubitschek, o estadista cuja decisão desencadeou a saga da construção; Israel Pinheiro, o construtor cuja energia e dinamismo foi capaz de levar a cabo a obra de uma cidade; Lucio Costa, o “inventor” do traçado urbano inovador; Oscar Niemeyer, o criador das principais formas arquitetônicas; e mais alguns poucos, como os pioneiros Ernesto Silva e Bernardo Sayão, que, por sua atuação, também aparecem com relevo na história da construção da Capital do País. Continuam reverenciados pelo vigor de seu talento e pela importância de sua realização, não só em termos nacionais, mas também pelo notável feito no urbanismo e na arquitetura moderna brasileira. Ademais, costuma despertar especial interesse o período situado entre os anos de 1956 a 1960, que corresponde propriamente à ação considerada épica na história do País do século XX. Entretanto, a história da construção de Brasília não se encerra na data de sua inauguração, 21 de abril de 1960; pelo contrário, transferida a Capital, muito havia ainda por construir, prolongando-se o enredo nos anos que seguiram.



Destaca-se, nesse contexto, o arquiteto Nauro Esteves que, ao lado de Oscar Niemeyer, participou efetiva e intensamente do processo de construção da cidade desde o ano de 1956. E cuja atuação se alongou após 1960, dando continuidade ao trabalho e à história de Brasília.

Considerando a história da cidade, Esteves tomou parte na ação que se desenvolveu em torno de Oscar Niemeyer, com quem já trabalhava desde 1950. Quando criada a NOVACAP, em 1956, com vistas à construção da Capital, ocupou, desde logo, um posto imediato a Niemeyer, em função técnica. Desenvolveu os projetos de arquitetura para a capital e precisou envolver-se também nos projetos de urbanismo. A partir de 1961, manteve-se na liderança, ocupando altos cargos na área de Arquitetura e Urbanismo em Brasília. Conheceu minuciosamente os fatos da construção da Capital, porque os presenciou ou deles fez parte. Projetou, construiu, coordenou, decidiu. Os inúmeros projetos de sua autoria registrados no CREA-DF desde 1962 até 1994 comprovam, apenas em parte, a imensa atividade do arquiteto.

Ele foi um pioneiro. Seu nome completo: Nauro Jorge Esteves. Filho de João de Castro Fernandes Esteves e Helena de Araújo Esteves, nasceu no dia 26 de agosto de 1923, na cidade do Rio de Janeiro, onde viveu a infância e a adolescência.

Fez o curso primário e o ginásio, este no Colégio Pedro II, escola federal altamente conceituada pela qualidade do ensino. Posteriormente, mudou-se para São Paulo, onde estudou no Colégio de São Bento. Voltou para o Rio de Janeiro com a intenção de cursar arquitetura e diplomou-se em 1949, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

É de se considerar que durante os anos que Nauro passou na faculdade (1945-1949), o modernismo fervilhava notadamente na área de arquitetura, coincidindo, portanto, com o período decisivo para a definição do estilo modernista na arquitetura brasileira. Pode-se inferir que tal conjuntura o tenha influenciado significativamente e, ainda estudante, posicionou-se dentro da avalanche modernista que acontecia no Brasil.

Ainda em 1949 – cursava o último ano da Faculdade – o Instituto de Arquitetos do Brasil-IAB, em conjunto com o Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura, promoveu um concurso entre os estudantes, cujo tema foi um projeto para um Centro Recreativo Cultural. O objetivo era “estimular as aptidões vocacionais e ao mesmo tempo oferecer aos estudantes os conhecimentos profissionais indispensáveis ao melhor êxito no exercício da profissão” (BOM TRABALHO..., 1949). O projeto vencedor foi o de Nauro Esteves em co-autoria com Hilda de Araujo Maia. A



comissão julgadora foi constituída pelos arquitetos Affonso Eduardo Reidy, Alcides da Rocha Miranda, Jorge Machado Moreira, Marcelo Roberto e Oscar Niemeyer, então expoentes do modernismo carioca na arquitetura. Foi assim que Nauro Esteves situou-se na trilha da arquitetura moderna e teve seu primeiro contato com Oscar Niemeyer.

Recém-formado, Nauro Esteves procurou contato no escritório de Niemeyer, que se localizava na Avenida Rio Branco, esquina com Avenida Beira Mar. Ele relembra: “Na vida tem coincidências, tem coisas fantásticas. Sabe como se chamava o edifício? Brasília”. (ESTEVES, 2004a; ESTEVES, 2004b).

Esteves passou logo a chefe do escritório e, como tal, participou dos grandes projetos de Oscar Niemeyer. Absorveu-se no trabalho, sem hora, o tempo todo, às vezes a noite toda. Dedicou-se por inteiro aos projetos, que não eram poucos. Nesse interim, o escritório de Oscar Niemeyer mudou-se para a Avenida Atlântica, em Copacabana (ESTEVEZ, 2004a; ESTEVES, 2004b). Em depoimento, Esteves revela: “Foram dez anos, de 50 a 60, dez anos colado. Então, nessa obra de dez anos, eu participei na hora que ele rabisava, que era comigo” (ESTEVEZ, N., 1989, p. 16-17).

Nauro Esteves, portanto, começou onde poucos chegaram. Bem jovem, ainda iniciando a vida profissional, já mergulhou em trabalho de grande porte, investido na responsabilidade criativa e técnica da obra que assumiu e dividiu – de fato – com um dos maiores expoentes da arquitetura brasileira da época. Este lhe reconheceu de imediato a capacidade, e confiou nele. Tanto que o manteve ao seu lado na etapa seguinte, a mais importante: o projeto e a construção de Brasília.

Ele conta que foi o primeiro a quem Oscar Niemeyer revelou o convite do Presidente Juscelino Kubitschek para que projetasse a Capital – era ainda o início do governo JK, em 1956. “Eu era o chefe do escritório dele, e era o primeiro a chegar, chegava cedo lá. Ele chegou e disse: ‘ó Nauro, nós vamos fazer Brasília’. Quase que eu caí morto. E aí, no dia seguinte, nós já começamos a falar de Brasília” (ESTEVEZ, N., 1989).

Junto com toda a equipe de arquitetura, Nauro Esteves transferiu-se para Brasília em 18 de agosto de 1958. Muitos anos depois, com a tarefa praticamente cumprida, relata: “Olha, de 1956 a 1968-69, doze anos por aí, quando eu deixei a NOVACAP<sup>1</sup>, nada nessa cidade deixou de passar pela minha mão, que se referisse a urbanismo ou arquitetura. Tudo, tudo. Porque eu sempre fui o coordenador de arquitetura e urbanismo, com diversos nomes, sempre fui eu. Sempre, desde o primeiro dia até eu sair. Então os projetos sempre eram aprovados por mim. Os da iniciativa privada e os do governo eram todos visados por mim, porque eu era o coordenador. Então, todos passaram na minha mão” (ESTEVEZ, N., 1989, p. 32).

Foram 12 anos sem interrupção. Integrou o primeiro grupo de arquitetos que pensou no projeto de Brasília, a partir da decisão de Juscelino Kubitschek. No começo, desenvolveu as “fantasias” – como referia-se Yves Bruand (1981, p.170) – de Oscar Niemeyer para a Capital do Brasil, nos projetos e na sua execução. Defendeu o projeto da cidade, não só na área de arquitetura, como também na área de urbanismo, em posição exigente, para que Brasília fosse feita do jeito que fora idealizada. Projetou também, sem se afastar do plano original, conservando sempre o estilo da cidade.

Nauro teve participação em praticamente em todos os trabalhos de Niemeyer para a Capital. Dessa forma, participou do desenvolvimento dos projetos de palácios, de monumentos, de prédios públicos, de igrejas, teatro, clube, cinema etc. Conheceu esses projetos desde a idéia inicial (o Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, o Palácio do Planalto, a Catedral, o Congresso Nacional, os Ministérios, entre tantos outros), passando pelas modificações que cada um sofreu, até a forma com que foram edificadas. Daí pode-se afirmar que a arquitetura de Brasília, que carrega a autoria de Oscar Niemeyer, tem o “dedo”, ou o “lápiz”, de Nauro Esteves. De modo que, pode-se dizer, sua atuação abarcou a dimensão de uma cidade.

Pode-se constatar essa relação até mesmo pelo conhecimento minucioso com que fala daquele período da construção da cidade, à qual atribui devido valor: “Brasília é uma coisa importante demais para o Brasil, para a história do Brasil” (ESTEVEZ, 1996). Dentre muitos fatos peculiares, ele mesmo relata:

- Brasília foi construída sob forte oposição e desconfiança dos meios políticos e de diversos setores da sociedade, especialmente do Rio de Janeiro, então Capital do País. Assim, também o Congresso Nacional: a Câmara dos Deputados e o Senado Federal foram “feitos totalmente por nós e acabou – eles não acreditavam absolutamente naquilo” (ESTEVEZ, 1989, p.18), pelo que não houve da parte dos parlamentares nenhuma interferência no projeto ou na construção dos prédios.
- Os anexos do Congresso Nacional receberam uma passarela que não existia no projeto original. É a passarela que une os dois prédios verticais paralelos. Foi necessário fazê-la para o travamento da estrutura metálica, devido à altura dos prédios. “Eu estava lá na hora. Quando estava fazendo, eu estava lá com ele (Niemeyer)” (ESTEVEZ, 1989, p.18).
- No projeto inicial, o gramado na frente do Congresso seria no mesmo nível das pistas e da laje de cobertura dos blocos dos plenários da Câmara

e do Senado. Esteves conta que Niemeyer modificou o projeto, pretendendo no local construir um espaço que abrigasse as manifestações do povo. Foi feito, então, um rebaixo entre os dois eixos<sup>2</sup>. Esse espaço receberia uma cobertura, a qual não chegou a ser construída. No rebaixo existe, hoje, um extenso gramado inclinado (ESTEVES, 1996).

Das casas da Quadra 23, o D.U.A. (Departamento de Urbanismo e Arquitetura) foi transferido para o barracão na Esplanada dos Ministérios, “porque as obras mais pesadas para nós eram o Congresso e os Ministérios, o Planalto ali do lado” (ESTEVES, 1989, p.22). No barracão ficava a área de arquitetura e instalações. Ficava também, da D.U. (Divisão de Urbanismo), a sala do arquiteto Adeildo Viegas, “que era fixo” (ESTEVES, 1989, p.22), isto é, que permanecia em Brasília. A área de cálculo estrutural ficou sob a responsabilidade de Joaquim Cardozo, que era o engenheiro calculista de Niemeyer, e que permaneceu no Rio de Janeiro porque “tinha muita idade, não pôde vir para Brasília”. Com Cardozo também trabalhavam os engenheiros Samuel Rawet e Victor Fadul (ESTEVES, 1989, p.9).

No período da construção, era o primeiro arquiteto depois de Oscar Niemeyer, era ele que chefiava e coordenava a equipe que elaborava os projetos de Niemeyer. Com a transferência da Capital, passou a ocupar o cargo principal, “com diversos nomes”, conforme as mudanças da administração, mas sempre com as mesmas atribuições e as mesmas responsabilidades. Desse modo, continuou decidindo, coordenando, orientando, sempre empenhado no cumprimento fiel do plano urbanístico e arquitetônico da cidade.

Verifique-se, também, o relevo do cargo e da responsabilidade de Nauro Esteves na hierarquia da NOVACAP – portanto, no processo da construção de Brasília – ligado que era a Oscar Niemeyer, cuja confiança já se lhe provava e de quem, desde o início, fora o “braço direito”. Ele tinha a confiança e o apoio do Diretor, não só pela conhecida capacidade de desenvolvimento e execução dos projetos, inclusive coordenando toda a equipe de arquitetos e desenhistas da Divisão de Arquitetura, como também porque rigorosamente respeitava a concepção dos trabalhos de Niemeyer. “Nauro Esteves era o coordenador dos arquitetos. Era a pessoa que respondia pelo escritório na ausência do Oscar, também estava muito ligado a ele durante muito tempo” – testemunha Glauco Campello (1989, p. 5). Tanto que Niemeyer sempre o manteve à frente da área de arquitetura, mesmo após a inauguração da cidade.

Os pioneiros descrevem o “clima” daquele período histórico da construção da Capital: entusiasmo contagiante, garra e fé; convicção da grandeza da obra que tinham a

realizar; certeza, determinação. Em contrapartida, o sacrifício, o desconforto, a solidão: “muitos desistiram, muitos voltaram, a gente ficava numa fossa danada, a gente ficava sozinho aqui” (ESTEVES, 1989, p. 21)

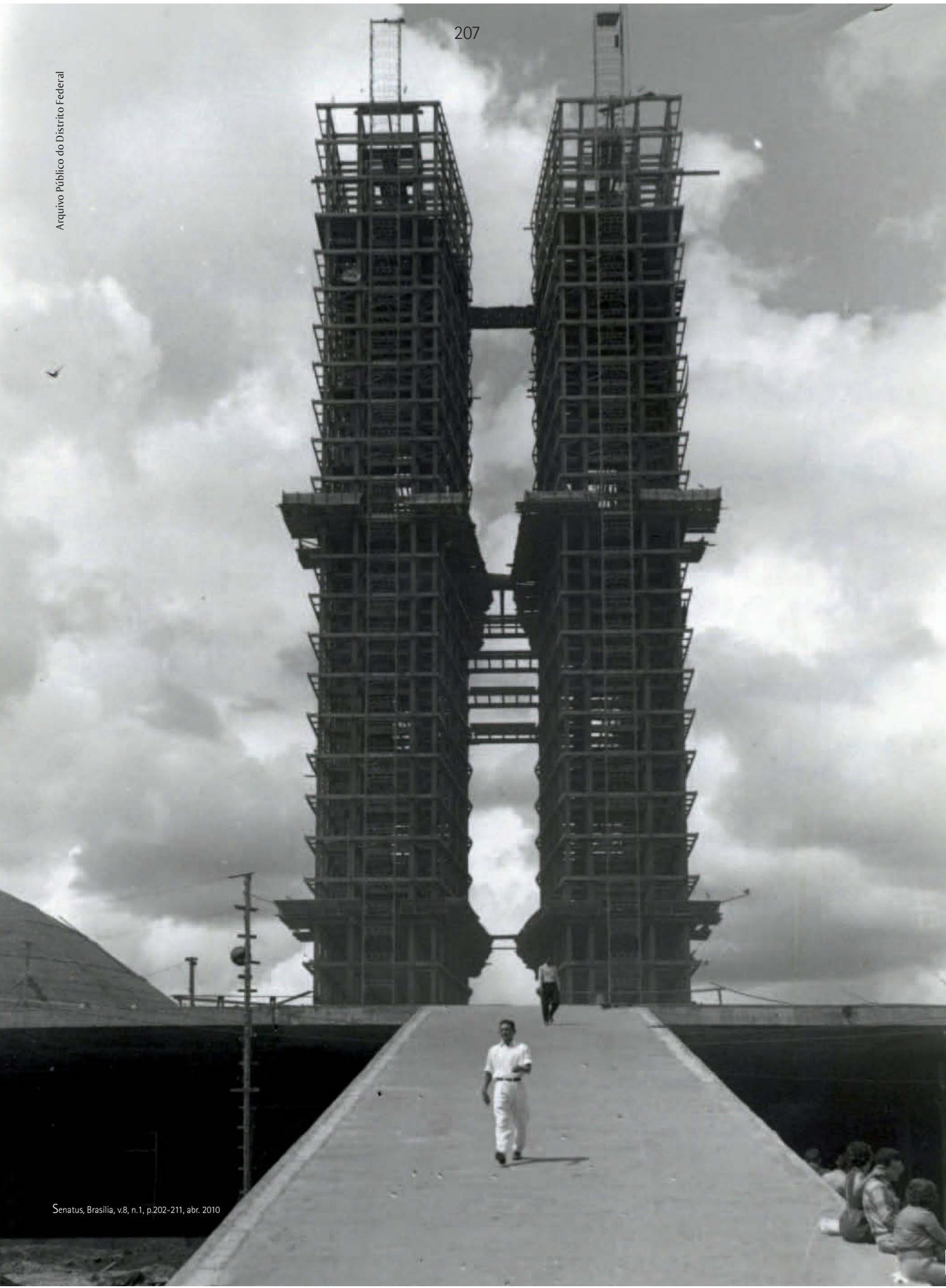
Além disso, falam no barro da região do cerrado e nas estações bem definidas, de chuva e de seca. Com a chuva, o barro formava lama, “atolava tudo”. Na seca, “era uma poeira danada” (ESTEVES, 1996). Sabino Barroso, também arquiteto do escritório de Niemeyer e pioneiro em Brasília, relata: “Começou a obra de urbanização, as máquinas e os caminhões, o diabo a quatro fazendo aquele movimento fantástico de implantação das vias, das ruas, era uma poeira infernal. O nosso escritório não tinha ar condicionado, não tinha nada, era uma loucura, e nós não tínhamos como deixar de ser rápidos, porque a gente punha um papel na prancheta de manhã e de tarde, se não tivesse pronto, ele era perdido praticamente no dia seguinte, tal a poeira que impregnava no papel. Então, nós tínhamos uma espécie de produção da poeira, ‘Olha, não deixa ali que vai perder’. Tinham uma copiadora grande do próprio escritório da NOVACAP. Os projetos saíam da prancheta para a copiadora, e da copiadora ‘para a obra no ato!’ E as firmas, as empreiteiras solicitando planta, queriam uma produção em massa de todos os projetos, na parte de detalhamento, empreiteiras de esquadrias, de acabamentos, enfim, todas elas, as grandes firmas brasileiras, acorreram para Brasília, não só pelo interesse em termos financeiros, mas pelo interesse da própria obra, que era gigantesca” (BARROSO, 1989, p. 6).

No ritmo alucinante de construção que marcou a época dos pioneiros da nova Capital, Brasília foi inaugurada na data prevista: 21 de abril de 1960. Nauro Esteves, mesmo após a inauguração, permaneceu no cargo da NOVACAP, porque muito havia ainda que se construir.

Em 06 de setembro de 1961, Esteves foi designado membro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU, órgão superior no qual eram tomadas as decisões relativas às questões de arquitetura e urbanismo de Brasília. Na mesma data foram também designados Lucio Costa, Oscar Niemeyer e Flávio D’Aquino, como conselheiros, e Onofre Gontijo Mendes, como consultor jurídico.

Em fevereiro de 1962, foi designado para o cargo de Diretor de Divisão de Arquitetura da Assessoria de Planejamento da Prefeitura do Distrito Federal, no qual permaneceu até 30 de novembro de 1965. Nessa função, continuou praticamente com as mesmas atribuições e responsabilidades que abarcava quando na chefia da Divisão de Arquitetura da NOVACAP.

A partir de novembro de 1965, foi o Coordenador de Arquitetura e Urbanismo da Secretaria de Viação e Obras da Prefeitura do Distrito Federal.



Também coordenou os Grupos de Trabalho que definiram o plano de numeração definitiva da cidade de Brasília e o Código de Obras e Posturas do Distrito Federal – CODF.

Durante todo esse tempo, Nauro foi responsável pela parte técnica de elaboração dos projetos e pela parte burocrática: “Nessa época já tinha processo, no tempo antigo não tinha” (BARROSO, 1989).

O trabalho no desenvolvimento dos projetos de Oscar Niemeyer continuava. Como exemplos, o Itamaraty, o Ministério da Justiça e outros ministérios, que ainda estavam em construção. Havia também grande parte das escolas-classe, as escolas-parque, os blocos de apartamentos, o arruamento das superquadras etc. Todos esses projetos eram coordenados por Nauro Esteves.

A esse tempo Nauro, assim como outros arquitetos da equipe, já elaborava também para a NOVACAP projetos de sua autoria. Mirtes Republicano<sup>3</sup>, em depoimento, relembra: “inicialmente o desenvolvimento era só dos projetos de Oscar Niemeyer. Posteriormente (1961/62), ele deu essa oportunidade, para que nós fizéssemos os nossos projetos, cada um desenvolvia o seu” (REPUBLICANO, 2004). Ficou a critério do próprio Nauro executar e ver quem executava esses projetos, uma vez que Niemeyer não estava mais em Brasília.

Segundo informações de Luiz Henrique Duarte (2004), a Escola-Parque da SQS 308 e o Colégio Elefante Branco foram projetos de José de Souza Reis; a Escola-Classe da SQS 114, de Wilson Reis Neto; o Tribunal Federal de Recursos e o Tribunal de Justiça, em frente ao Palácio do Buriti, de Hermano Montenegro; o Posto de Saúde da Av. W3 Sul, de Flávio de Aquino; o Hospital das Forças Armadas, do Lúcio Estelita; o Superior Tribunal Militar, o Tribunal Superior Eleitoral, o Tribunal Superior do Trabalho e o Tribunal Federal de Recursos, do próprio Nauro Esteves.

Mas, acima de todos, estava ele. “A gente diz assim: foi feito por fulano, foi feito por sicrano, mas atrás deles tinha quem? O Nauro. Havia a equipe dele, mas ele era a cabeça” – completa Mirtes Republicano. Era cabeça não só pela autoridade do cargo que ocupava, mas pela capacidade profissional e pelo nível de exigência no seu próprio trabalho e no trabalho da equipe que tinha sob sua orientação.

Com muita determinação, Esteves trabalhou nos projetos e na urbanização das superquadras: locação e projetos arquitetônicos dos blocos residenciais, arruamento, calçamento e ajardinamento. Nauro Esteves conhecia bem o esquema das superquadras, e preocupou-se em cumprir, com o possível rigor, o plano de Lucio Costa (ESTEVES, 2004c, p. 11), em tudo o que se referia a urbanismo.

Quanto à urbanização das superquadras, Nauro relata: “Eu comecei um pouco apavorado, afobado, na urba-

nização das superquadras, porque tinha que fazer, porque não tinha projeto, nada disso. Mas eu tinha que tocar, já estava contratando empreiteiras para fazer meio-fio, asfalto. Então eu tinha que fazer rapidinho” (ESTEVES, 1996). Era Nauro quem definia tudo, às vezes ia ao Rio de Janeiro, por conta própria, conversar com Lucio Costa para obter orientação sobre como fazer. Nauro definiu os arruamentos das superquadras, as áreas arborizadas, os taludes gramados das “tesourinhas”. Ele sentava no chão e desenhava o arruamento das superquadras e os estacionamentos.

Geraldo Orlandi testemunha: “o Nauro trabalhou no arruamento, ele fez à mão, por incrível que pareça, no lugar, traçando no chão: ‘a rua vem aqui’. Você ia procurar o Nauro, você ia numa superquadra e ele estava riscando no chão. O asfalto onde era; o estacionamento, ele riscava no chão. Era engraçadíssimo: ia lá e fazia no lugar” (ORLANDI, 2004). Nauro Esteves avalia: “Para fazer tecnicamente, com projeto, com plantas, ia levar muito tempo”. E ainda: “Então quem marcava no chão a calçada, era eu. Não havia tempo de ficar projetando calçada, indo lá; não, eu ia lá e levava um esquema básico” (ESTEVES, 2004c, p. 2). E Duarte complementa: “O Nauro como profissional e entusiasta de Brasília, ele trabalhava na prancheta e trabalhava no campo, de joelhos, de cócoras, junto com o operário”. Muitas vezes o presidente da NOVACAP



Conjunto Nacional, Brasília

precisava falar com Nauro Esteves e “a gente tinha que dizer que ele estava na superquadra”. Lá estava ele “agachado junto com os peões. Fazendo o quê? Marcando metro a metro com a linha as curvas dentro das próprias superquadras, marcando as calçadas, marcando os estacionamentos, para ficarem de acordo com o que ele queria na planta” (DUARTE, 2004).

Marcava as curvas das ruas com cordas; vinha atrás o operário pintando no chão, com tinta ou cal, marcando o lugar onde era colocado, em seguida, o meio-fio. Deixava as calçadas já definidas com as ripas de madeira. Para fazer as calçadas, determinou: “um metro e cinquenta (largura) acompanhando o meio-fio” (ESTEVES, 1996).

Mirtes Republicano acrescenta que “depois ele subia ao último andar do prédio para verificar lá de cima se coincidia com o que ele estava querendo que se fizesse” (REPUBLICANO, 2004). “As superquadras que têm ruas curvas fui eu que fiz” – afirma Esteves (1996).

E mais, o Engenheiro Cláudio Starling<sup>4</sup> (*apud* Orlandi, 2004) “trabalhava comigo nessas loucuras o tempo todo” – diz Esteves. “Era muito bom nisso, ele modelava o chão com as máquinas (ESTEVES, 1996). E Orlandi confirma: Starling “ia com o trator atrás do Nauro, exatamente, não tem exagero nenhum nisso. Ficava esperando o Nauro acabar de riscar pra ir lá passar o trator” (ORLANDI, 2004).

Outras contribuições de Nauro Esteves para as superquadras foram a criação dos blocos quadrados das SQS 403, 405 e 406, cujos projetos elaborou e desenvolveu por completo, desde a própria locação dos blocos; e os projetos dos prédios das Administrações de Quadra – ADQs, com a finalidade de abrigar as prefeituras de cada superquadra (REPUBLICANO, 2004).

Mas seu trabalho na urbanização da cidade não se limitou às superquadras. Como exemplo, os projetos de sistema viário: o “balão do aeroporto fui eu que fiz, lá tem uma amendoeira plantada que eu que plantei” (ESTEVES, 1996, p. 3); além do trevo no final da Via L2 Sul, ligações viárias entre as Vias W4 e W5 Sul, os taludes gramados das chamadas “tesourinhas” (DUARTE, 2004).

Enumeram-se ainda, entre outros, alguns projetos de sua autoria que viriam a ter forte presença na paisagem urbana de Brasília: o Palácio do Buriti e Anexo, o Hotel Nacional, o Conjunto Nacional, o Edifício Casa de São Paulo, o Jardim de Infância 21 de Abril, os Edifícios Ceará, Sônia e Presidente no Setor Comercial Sul, o Cine Karim da EQS 110/111, o Hospital Santa Lúcia (projeto inicial), o Edifício Central Brasília no Setor Bancário Norte, o Edifício Venâncio VI, o Carlton Hotel, a Fundação Ballet do Brasil, inúmeros blocos de apartamentos nas superquadras etc.



Hotel Nacional, Brasília



Palácio do Buriti, Brasília

Entretanto, considerando todo o trabalho que desenvolveu na cidade, talvez o mais importante tenha sido o empenho com que defendeu a idéia central segundo a qual Brasília foi “inventada”.<sup>5</sup> Na condição de arquiteto, sempre respeitou o plano urbanístico de Lucio Costa, e quis preservá-lo conforme as diretrizes traçadas no Relatório do Plano Piloto de Brasília: “O relatório dele é uma peça fantástica. Tem muita gente que fala de Brasília, tem muita gente que nunca leu aquilo. Mas é fundamental, para entender Brasília é fundamental” (ESTEVES, 1996). Para tanto, Nauro Esteves teve que ser rígido e enfrentou pressões por parte de empresas construtoras, de empreendedores imobiliários, de autoridades, com a consciência profissional que foi sua marca.

De fato, Nauro Esteves fez tudo isso. Só não se fez estrela. Não se colocou debaixo das luzes, não se postou diante das câmeras. Mas permaneceu integrado à história de Brasília: mergulhado nos contextos da construção e da implantação da Capital; participando efetivamente dos fatos, desde as primeiras ações até a cidade já desenvolvida; conhecendo, projetando, coordenando, orientando, realizando, defendendo; influenciando; modelando a “cara” da cidade; contracenando lado a lado com atores notáveis, sem se preocupar com os holofotes. Perguntado que lhe foi se tinha fotografia sua no período da construção, respondeu: “não tenho praticamente nada de fotografia de Brasília, porque eu não me ligava muito nisso, porque o negócio de correr aqui era 24 horas por dia. O tempo da gente era atender, era resolver aquilo”: era construir Brasília! (ESTEVES, 1989, p. 10).

No dia 23 de fevereiro de 2007, perto de completar oitenta e quatro anos de idade, Nauro Esteves faleceu, ainda em Brasília, cidade que também fez nascer.

## Referências Bibliográficas

- ARQUITETURA E ROMANCE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 dez. 1949, 3ª seção.
- BARROSO, Sabino Machado. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989. 23p.
- BOM TRABALHO REALIZADO PELOS ESTUDANTES DE ARQUITETURA. *O Globo*, Rio de Janeiro, dez. 1949.
- BRASIL. Decreto nº 38.281, de 9 de dezembro de 1955. Muda a designação da Comissão de Localização da Nova Capital para Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal. *Diário Oficial da União*, 13 dez. 1955
- BRASIL. Decreto nº 40.016, de 24 de setembro de 1956. Extingue a Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, cujos bens, serviços, direitos e obrigações são pelo mesmo ato transferidos à Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil”. *Diário Oficial da União*, 24 set. 1956.
- BRASIL. Decreto nº 40.017, de 24 de setembro de 1956. Aprova a constituição da sociedade por ações da Companhia Urbanizadora da nova Capital do Brasil”. *Diário Oficial da União*, 24 set. 1956.
- BRASIL. Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956. Dispõe sobre a mudança da Capital Federal e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 20 set. 1956.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea Brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989. 20p.
- COSTA, Lucio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. ArPDF, CODEPLAN, DePHA. Brasília: GDF, 1991.
- COSTA, Maria Elisa; LIMA, Adeildo Viegas. *Brasília*

- 57-85: *do plano piloto ao Plano Piloto*. Brasília: TERRACAP, 1985.
- DISTRITO FEDERAL (Brasil). Decreto nº 7, de 13 de junho de 1960. Aprova a Consolidação das Normas em vigor para as construções em Brasília.
- DISTRITO FEDERAL. (Brasil). Decreto nº 596, de 8 de março de 1967. Código de Edificações de Brasília e seus regulamentos. *Diário Oficial da União*, Brasília, 29 mar. 1967, p. 3699 col. 1.
- DISTRITO FEDERAL. (Brasil). Portaria nº 210, de 6 de setembro de 1961. Designa membros do Conselho de Arquitetura e Urbanismo.
- DUARTE, Luiz Henrique Freire. *Entrevista*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 9. jul. 2004.
- ESTEVES, Maria de Lourdes Junqueira Edreira. *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989. 12p.
- ESTEVES, Nauro. *Curriculum Vitae do Profissional*. s/ data.
- . *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília : Arquivo Público do Distrito Federal, 1989. 40p.
- . *Entrevistas*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 7 jun. 2004a.
- . *Entrevistas*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 2 jul. 2004b.
- . *Entrevista*. Por Matheus Gorovitz. Brasília, 1º semestre de 2004c.
- . *Memória do Arquiteto de Brasília*. Palestra proferida em 26/07/1996. Brasília : Instituto dos Arquitetos do Brasil – DF, 1996.
- FICHER, Sylvia e Acayaba, Marlene Milan. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo, Projeto, 1982.
- Ficha Técnica do Profissional*. Brasília : CREA-DF, 2004.
- FICHER, Sylvia e Batista, Geraldo Sá Nogueira. *GuiArquitetura Brasília*. São Paulo, Empresa das Artes e Editora Abril, 2000.
- FONSECA, Fernando Oliveira (org). *Olhares sobre o Lago Paranoá*. Brasília, SEMARH, 2001.
- KUBITSCHKE, Juscelino. *Por que construí Brasília*. 2. ed. Brasília : Senado Federal, 2002.
- NIEMEYER, Oscar. *As Curvas do Tempo*. 5. ed. Rio de Janeiro : Renavam, 1999.
- . *Depoimento - Programa de História Oral*. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 1989. 27p.
- . *Minha Experiência em Brasília*. Rio de Janeiro : Vitória, 1961.
- ORLANDI, Geraldo Roberto. *Entrevista*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 6 ago. 2004.
- REPUBLICANO, Mirtes Amora de Assis. *Entrevista*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 30 jul. 2004.
- SILVA, Ernesto. *Entrevista*. Por Cristiana Mendes Garcia. Brasília, 18 ago. 2004.
- . *História de Brasília*. Brasília : Linha Gráfica, 1999.

---

1 Aqui Nauro Esteves se refere à NOVACAP como todo o tempo em que trabalhou no serviço público em Brasília. Este tempo corresponde à época em que fazia parte do quadro de funcionários da NOVACAP, depois da Prefeitura do Distrito Federal – PDF e, posteriormente do Governo do Distrito Federal.

2 Vias S1 e N1 correspondentes ao Eixo Monumental.

3 Mirtes Amora de Assis Republicano, arquiteta da D.A. (Divisão de Arquitetura) - NOVACAP. Permaneceu como arquiteta na Prefeitura do Distrito Federal – PDF e posteriormente no Governo do Distrito Federal.

4 Cláudio Starling, engenheiro chefe do Departamento de Estradas e Rodagem.

5 Referência ao termo usado por Lucio Costa: “Brasília, a cidade que inventei”. In: COSTA, 1991, capa.